

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8652456>

DOI: 10.20396/liames.v1i1.8652456

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2018 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Vallejos, Rosa (2016). *A grammar of Kukama-Kukamiria: A language from the Amazon* (Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas, vol. 13). Leiden and Boston: Brill. Pp. V + 755. ISBN: 978-90-04-31451-1 (hardback), 978-90-04-31452-8 (e-book).

Resenha por Angel Corbera Mori*

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

ORCID ID <http://orcid.org/0000.0003-1712-6550>

Os cocama [kukama], falantes da língua do mesmo nome, teriam sido contatados, pela primeira vez, no ano de 1557, por Juan Salinas de Loyola, durante sua expedição pelas regiões orientais da Amazônia Peruana. Por essa época, segundo Stocks (1981), os kukama se encontravam isolados, possivelmente localizados entre um povo denominado *benorinas*, em direção ao norte, e os povos pano em direção ao sul. Ao que tudo indica, no século XVII, os kukama se encontravam em guerra com os pano no sul, e foram então obrigados a permanecer na fronteira mencionada (Stocks 1985: 39). Por volta de 1619, aproximadamente, os kukama haveriam se cindido em dois grupos: os kukama propriamente ditos e os cocamilla [kukamíria]. Muito antes, durante o século XIV, tanto os kukama quanto os kukamíria haveriam se desmembrado dos omágua (Lathrap 1970).

O primeiro estudo que aborda aspectos linguísticos e etnográficos do kukama encontra-se na obra *“Los tupí del Orienta Peruano”* escrita pelo padre agostiniano Lucas Espinosa (1935). Há também a obra póstuma do mesmo padre, o *“Breve diccionario analítico castellano-tupí del Perú”* (1989). Segundo Espinosa, os tupí do Amazonas Peruano são representados pelos “kokama, kokamilla y omagua” (1935:1).

No seu artigo *“relações internas na família linguística tupí-guaraní”*, Rodrigues (1985/1985) classifica a língua kukama, além do kukamíria (Cocamilla) e omágua, inserida no SUBCONJUNTO III, das línguas tupí-guaraní. De acordo com Rodrigues, existe a hipótese de que:

os Kokáma seriam um povo Tupí-Guaraní oriundo do Baixo Amazonas, o qual teria migrado para o Alto Amazonas. A língua Kokáma não pode ser imediatamente associada nem com as línguas do subconjunto VIII, que mais propriamente poderia ser considerado como baixo-amazônico [...]. Ela compartilha mais propriedades fonológicas com o Tupinambá [...]. Se o Kokáma tivesse evoluído mais ou menos independentemente de maiores interferências de línguas não Tupí-Guaraní, ele deveria ser considerado como mais afim ao Tupinambá, mas mais conservador que este quanto a pelo menos uma propriedade do Proto-Tupí-Guaraní [...]. Assim sendo, não deve desprezar-se a possibilidade de que o Kokáma resulte da migração de um povo que falasse uma língua muito mais próxima do Tupinambá (op. cit., p. 43).

* Meu sincero agradecimento a Jackeline Do Carmo Ferreira (IEL-UNICAMP) por suas oportunas observações na redação do texto.

Posteriormente, Cabral e Rodrigues (2003) assumem que embora cerca de 60% do vocabulário básico do kokáma ou omágua seja tupí-guaraní, possivelmente de origem tupinambá, a sua gramática é bastante diferente das línguas tupí-guaraní. A hipótese desses autores é que o kokáma tenha emergido pelo contato com falantes de outras línguas de origem genética e tipologicamente diferentes (op. cit., p. 180). As características estritamente linguísticas dessa língua, nos termos desses autores, a colocariam mais próxima dos crioulos abruptos. Esta hipótese é encontrada inicialmente em Cabral (1995) e, para esta autora o kukama não se encaixa na família tupí-guaraní, somente o vocabulário seria de origem tupí-guaraní. Conforme ela destaca, “Kokama has a very simplified derivational morphology with very few Tupi-Guarani elements” (Cabral 1995: 45). A autora assinala, igualmente, que o kukama carece de morfologia flexional em contraste com o tupinambá e outras línguas da família tupí-guaraní. No que se refere à estrutura morfológica complexa, as línguas nheengatu, kamaiurá, tapirapé, entre outras, são exemplos, variando de uma língua para outra (op. cit. p. 119). Para Cabral, o contato do povo kukama com falantes de outras línguas não tupí-guaraní teria surgido aproximadamente nos finais do século XVII e começos do XVIII, nas reduções jesuíticas da província de Maynas, região norte da Amazônia Peruana. Contudo, Michael (2014) considera que tanto o kukama quanto o omágua não seriam o produto do contato dado no período colonial, mas que isso teria surgido na época pré-Colombiana (Michael 2014: 310).

É no contexto dessas observações e discussões sobre a origem da língua kukama que surge no ano de 2016, a obra “*A Grammar of Kukama-Kukamiria: A language from the Amazon*”. Esta publicação é a versão revista e expandida da tese de doutorado da linguista peruana Rosa Vallejos (2010), e atualmente professora associada no Departamento de Linguística da University of New Mexico. A obra está organizada em 17 capítulos, os quais serão descritos brevemente nesta resenha. Por questões práticas, será usada apenas a denominação língua kukama e não kukama-kukamiria, termo usado pela autora do livro.

No capítulo 1, Vallejos traça um panorama geral da organização da obra, os motivos que a levaram estudar e documentar a língua kukama, a localização e possível origem da população kukama e kukamiria, sua demografia e ambiente, e uma breve descrição etnográfica. A autora afirma que, linguisticamente, entre o kukama e o kukamiria existem apenas algumas diferenças fonéticas e lexicais, além de pouquíssimos contrastes na interpretação semântica de certas palavras. Outros aspectos tratados nesse capítulo são a situação sociolinguística e os diversos investimentos que vêm sendo feitos para manter a identidade linguística e cultural dos kukama.

A seção mais linguística desse capítulo é dedicada ao tratamento da filiação genética e ao perfil tipológico da língua kukama. Nele também há comentários sobre a diferença entre a fala masculina e a fala feminina, além de uma apresentação do banco de dados que nortearam o estudo e análise da gramática kukama.

O capítulo 2 é dedicado à fonética e fonologia segmental do kukama. Assim, são apresentados os fonemas consonantais e vocálicos e os processos fonológicos que envolvem tanto as consoantes quanto as vogais. Na subseção dedicada à sílaba canônica, a autora considera como molde silábico a estrutura (C)(C)V(C), a palavra fonológica mínima pode estar constituída simplesmente por uma sílaba, do tipo: CV, VC, CVC, CCV e CCVC. Reconhece-se que tanto na posição de ataque quanto na coda podem ocorrer as aproximantes labiovelar /w/ e a palatal /j/. Esses dois segmentos podem ainda combinar-

se com todos os segmentos, exceto com a fricativa velar desvozeada /x/, constituindo o segundo elemento de um encontro consonantal: *rjaj* ‘podre’, *nirwaparanu* ‘nossos irmãos’, *putja* ‘peito’, *kanwara* ‘osso’.

Na seção prosódia, Vallejos tece comentários relevantes sobre o comportamento do acento. Segundo sua interpretação, o acento em kukama é delimitativo, pois é previsível e ocorre geralmente na penúltima sílaba da palavra fonológica. Em palavras monomorfêmicas o acento sempre ocorre na penúltima sílaba: *isi'watsu* ‘veado’, *ja'kari* ‘jacaré’. Em palavras polimorfêmicas, com mais de quatro sílabas, o acento primário recai na penúltima sílaba, já o acento secundário ocorre duas sílabas precedendo a sílaba tônica com acento primário: *ja'wara* ‘cachorro’ → *ja, wara'pana* ‘onça preta’. Contudo, a autora descreve alguns casos, nos quais se apresentam perturbações sobre o acento quando se aglutina outro morfema à base. Nesse caso, o acento primário se desloca para a última sílaba: *i'rara* ‘canoa’ → *irara'tu* ‘canoa grande’, *ja'kitsa* ‘cabelo’ → *jakitsa'nan* ‘somente cabelo’.

Outros temas pertinentes à fonologia kukama se relacionam à interface entre acento, alongamento e redução vocálica, processos que afetam, sobretudo, as palavras de quatro sílabas. Como parte da morfofonêmica, é abordado o apagamento de vogais em encontros vocálicos que se dão entre a última vogal da base temática e a vogal inicial de outro morfema subsequente. Quando o encontro entre vogais homorgânicas ocorre, há a fusão em uma única vogal. Em outros casos, ocorre a epêntese das aproximantes palatal [j] e a labiovelar [w], como em: *katupe-* ‘aparecer’ + *ari* ‘PROG’ → [*katupjari*] ‘aparecendo’, *jaŋu-* ‘chorar’ + *-ari* ‘PROG’ → [*jaŋfwarí*] ‘chorando’.

O capítulo 3 abrange a descrição dos tipos de morfemas e inclui uma visão panorâmica das unidades morfológicas básicas, seus conceitos e os processos presentes na gramática do kukama, além de uma breve apresentação das características tipológicas dessa língua. A autora considera o kukama, na sua morfologia, como uma língua de característica isolante e, sintaticamente, como uma língua analítica. Isolante porque as palavras tendem a ser compostas por um morfema, e os morfemas podem ser identificados por significados específicos (op. cit., p. 82). Analítica porque suas relações gramaticais na sintaxe recorrem à ordem de seus constituintes maiores, além do uso de palavras funcionais específicas e partículas, sem a manifestação de morfemas flexionais (Vallejos 2016: 82). A autora reconhece como bases lexicais do kukama os nomes, os verbos e os advérbios. Estas categorias são reconhecidas segundo 12 traços estritamente sintáticos. (cf. Tabela 3.1, p. 84).

No capítulo 4 são definidas as propriedades funcionais e morfossintáticas dos nomes. Os nomes em kukama não levam morfologia obrigatória, a estrutura deles está constituída por uma base e por morfemas opcionais. Distribucionalmente, esses morfemas opcionais podem ser derivacionais e outros assemelham-se aos flexionais. Três morfemas avaliativos servem para indicar ‘diminutivo’ {=*kira*}, ‘aumentativo’ {=*tu*, *-watsu*}, e ‘afetivo’ {=*chasu*}, estes ficam entre a morfologia derivacional e a flexional. Eles ocorrem tanto nos nomes quanto nos pronomes, exceto o aumentativo *-watsu*. Há duas classes de termos de parentesco, aqueles que variam segundo o gênero do falante e ocorrem no discurso especificado por um pronominal possuidor, e um segundo grupo de termos de parentesco e de relações sociais, que se manifestam independentemente do gênero do falante. Estes termos podem ocorrer no discurso com ou sem a indicação do possuidor.

A apresentação da estrutura do sintagma nominal, suas categorias sintáticas e funcionais associadas a ela, é tópico do capítulo 5. Em termos gerais, um sintagma nominal pode ser substituído pelos pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos quando no contexto ocorrem elementos de correferência. Na estrutura mínima de um sintagma nominal, se dá um núcleo acompanhado, opcionalmente, por três modificadores. Dentre os modificadores do núcleo nominal se encontram outros elementos nominais, tais como pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos. Também como modificadores, podem ocorrer um numeral, um quantificador adverbial e cláusulas nominalizadas. Esses elementos modificadores geralmente precedem ao núcleo nominal, com se vê nos seguintes exemplos.

- (1) *mui karuta=tsuri* ‘a cobra mordeu (ele)’ (Vallejos 2016:7)
 cobra morder=PAS3
- (2) *ikian mukuika ayuma* ‘estes dois cunhados’ (Vallejos 2016: 141)
 DEM dois cunhado
- (3) [*upi mari rana yumi-n*] *tana erutsu*
 QUAN coisa 3PL.FM dar-NMLZ 1PL.FM trazer
 ‘Todas as coisas, que eles doaram, nós o trouxemos’ (Vallejos 2016: 143)

Vale destacar, nessa seção, a discussão dos clíticos pronominais e dos demonstrativos. Os clíticos pronominais resultam do encurtamento de suas correspondentes formas longas, cuja ocorrência se dá em fala não monitorada. Dada à obrigatoriedade dos argumentos se manifestarem numa construção sintática, os clíticos cumprem essa exigência funcional da gramática kukama. Os demonstrativos, por sua vez, cumprem funções estritamente dêiticas, estabelecendo relações de proximidade ou não respeito do participante emissor. Além disso, no kukama os demonstrativos se caracterizam por apresentarem morfologia diferenciada, condicionada pelo sexo do falante em termos do sistema de *generolectos* (Rose 2013) e que configura as identidades ‘fala feminina’ versus ‘fala masculina’ nessa língua.

O foco do capítulo 6 envolve a descrição da estrutura morfológica do verbo, incluindo os morfemas derivacionais ligados às estratégias de verbalização. Os morfemas típicos associados aos verbos são os marcadores de aspecto: i) *-ari* ‘progressivo’, ii) *-ka* ‘reflexivo/reiterativo’, iii) *-ka* ‘voz média’; e iv) *-pa* ‘completivo’. Todos esses morfemas, exceto o marcador do progressivo *-ari*, derivam verbos a partir de bases nominais. O morfema *-ari* também se caracteriza por espalhar características de traços flexionais. Segundo a autora, o marcador *-ka* ‘voz média’ é o mais produtivo, pois desempenha várias funções relacionadas semanticamente, tais como, de reflexivo, de recíproco, de incoativo e de repetitivo.

Outro aspecto abordado no capítulo 6 é a descrição da reduplicação de bases verbais. Dois tipos de reduplicação são abordados: i) reduplicação inicial, quando as duas primeiras sílabas da palavra são reduplicadas; e ii) reduplicação interna, nesse caso a segunda sílaba é reduplicada (Vallejos 2016: 219). Os conceitos resultantes desses dois tipos de

reduplicação relacionam-se com nuances que se referem à categoria aspecto, tais como: duração, ênfase, iteração e distribuição.

A classe dos verbos estativos e as palavras relacionadas a categoria advérbio são tópicos do capítulo 7. De acordo com a autora, a inclusão desses dois temas numa mesma seção deve-se ao fato de que os verbos estativos e os advérbios mostram um comportamento muito similar entre si. Os estativos na língua kukama representam uma subclasse de verbos que transmitem conceitos de propriedade. Da mesma maneira que em outras línguas tupi-guarani, os verbos estativos, denominados também descritivos (cf. Seki 2000), codificam significados o que corresponderia à categoria lexical de adjetivos nas línguas indo-europeias. Alguns desses verbos estativos também se comportam como advérbios de modo, como se pode observar nos exemplos de (4) extraídos dos dados de Vallejos (2016: 237):

- (4). a. *era* *tseweka=pura tita*
 ADV barriga=FOC tenso
 ‘a barriga está muito tensa’
- b. *ajan* *napisara* *era*
 DET.PROX homem EST.bom
 ‘este homem é bom’

Na descrição dos advérbios, algumas das palavras citadas, por Vallejos (2016), comportam-se prototipicamente como advérbios, enquanto outras não apresentam todos os traços morfossintáticos que as definem como pertencentes à categoria lexical advérbios. Contudo, todas as palavras tratadas como advérbios têm em comum sua distribuição sintática, todas elas podem se posicionar no começo ou no final da oração.

O capítulo 8 consiste no estudo da estrutura da oração simples e, igualmente, no estudo da ordem dos constituintes, das funções gramaticais relacionadas aos argumentos nucleares sujeito e objeto e das estratégias que a língua kukama usa para promover e demover os argumentos nucleares.

O rearranjo dos argumentos discutidos por Vallejos (2016: 278-291) relaciona-se ao uso dos marcadores *-ta* ‘causativo’, *-ta-ta* ‘causação indireta’, à ocorrência simultânea do causativo *-ta* e ao uso do marcador da voz média *-ka*, morfema que também é interpretado como causação indireta, ao recíproco *-ka-ka*, e ao aplicativo *-tsupe*.

A construção verbal básica é aquela que ocorre com verbo intransitivo, cujo argumento externo é um sintagma nominal pleno ou um elemento pronominal. As categorias gramaticais que acompanham a base verbal são os marcadores de tempo e modalidade. Os argumentos oblíquos são expressos por sintagmas posposicionais, enquanto que as partículas de foco e intensidade são morfemas que ocorrem no nível da oração.

A ordem canônica não marcada é SVO. Essa estrutura, junto com o uso das formas pronominais, é fundamental para se reconhecer os papéis funcionais de sujeito e objeto na língua kukama. Quando ocorrem complementos circunstanciais, estes se manifestam por meio de sintagmas posposicionais ou por advérbios que ocupam a posição periférica da oração. Assim, consoante com a autora, uma construção não marcada pode ser representada pela fórmula: (COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL) SVO (COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL).

No capítulo 9 são tratados os sintagmas posposicionais. As posposições em kukama, segundo a autora, exprimem uma variedade de funções de tipo semântico, gramatical e de locação. As posposições são o núcleo dos sintagmas posposicionais, que por sua vez, são empregados para codificar os participantes satélites dos eventos, pois ocorrem como elementos adjuntos ao verbo.

Na língua kukama, determinados nomes, vistos como relacionais, são fonológica e gramaticalmente elementos independentes, mas que podem exercer funções próximas as das posposições. Esses nomes não descrevem uma entidade, a função deles é indicar a posição espacial de uma entidade em relação a outra (Vallejos 2016: 321). Segundo a autora, os nomes relacionais também se caracterizam pela habilidade de se combinar com as posposições locativas, principalmente com as posposições do tipo *=rupe* ‘finalativo’, *=ari* ‘locativo difuso’ e *=tsui* ‘ablativo’.

Em uma construção sintática não marcada, tanto os sintagmas posposicionais quanto os advérbios e os nomes relacionais podem ocupar a posição inicial ou final da oração, mas nunca se manifestar entre *s-v ou entre *v-o, como se vê no seguinte esquema:

- (5) a. (ADV) (SP) S V O (SP) (ADV)
 b. (ADV) (O) S V (SP) (ADV)
 (Vallejos 2016: 292)

No capítulo 10 são vistos os tipos de construções de predicação não verbal. Os predicados não verbais em kukama expressam diversas funções semânticas, tais como: equação, inclusão apropriada, existência, localização e posse. Formalmente, esses tipos de predicados não verbais ocorrem como justaposições, construções existenciais, além de construções predicativas locativas, as quais incluem os sintagmas posposicionais e os nomes relacionais. Cada uma dessas construções contém vários subtipos, na maioria das vezes, esses subtipos expressam posse. Assim, as construções de justaposição expressam significados atributivos, equativos e de inclusão apropriada. As construções existenciais se caracterizam por incluir a palavra *emete* ‘existir’, precedendo o sintagma nominal. Eventualmente, a palavra *emete* pode ser precedido por um sintagma locativo, o pelas partículas *tima* ‘NEG1’ e *ni* ‘NEG2’ em construções existenciais negativas. Muitas vezes, a partícula *tima* ‘NEG1’ e a palavra *emete* que expressa existência podem se fundir em *temente* [*temende*], mas, aparentemente, sem mudança de significado (Vallejos 2016: 348).

No caso das construções locativas, a predicação se dá através dos sintagmas posposicionais e dos nomes relacionais. Os primeiros formam-se pela justaposição de um sintagma nominal e um sintagma posposicional, cuja estrutura pode ser NP PP ou PP NP. Já a estrutura da predicação com os nomes relacionais pode ser [SN [N NRELACIONAL]] ou [N NRELACIONAL]SN] (p. 361).

No capítulo 11, Vallejos ocupa-se em descrever os tipos de construções com predicados complexos que, inicialmente, se originam a partir de duas orações com dois predicados independentes ou simples. São tratadas as construções com auxiliares que transmitem movimentos associados, bem como as construções com auxiliares que expressam estrutura interna aspectual, e as construções associadas com predicação secundária.

Dado que a língua kukama não prevê marcadores obrigatórios no verbo, a autora conceitua os auxiliares com base em critérios morfossintáticos e semânticos. Sob o ponto de vista semântico-funcional, os auxiliares, nessa língua, expressam movimentos associados, mas também podem se associar às categorias do aspecto. Os morfemas aspectuais se relacionam com a estrutura interna dos eventos. Três deles são discutidos: i) *upa* ‘configura o término de um evento’, ii) *yupuri* ‘indica o início de um evento’, iii) *ukua* ‘projeta o aspecto habitual e continuativo’. Em termos de estrutura posicional, os elementos auxiliares podem seguir o sintagma verbal: [S V (O) = AUX (=TEMP)], ou aparecer na periferia inicial da oração: [AUX S V (O) (=TEMP)].

A predicação secundária é vista como a parte secundária de uma predicação complexa. É descrita a predicação *resultativa* e a predicação *depictiva* (Schultze-Berndt; Himmelmann 2004). As predicativas *resultativas* manifestam o estado como resultado do evento codificado pelo predicado principal. Já a predicação secundária *depictiva* assinala o estado que se mantém durante o tempo de referência do evento codificado pelo predicado principal.

No capítulo 12 são expostos os tipos de orações, trazendo à discussão os mecanismos gramaticais das estruturas envolvidas nos atos de fala, tais como as orações declarativas, as interrogativas e as orações diretivas. Cada um desses tipos de construções sintáticas se diferencia entre si pelo uso do tempo e das modalidades, além dos contornos de entoação e padrões do ordenamento dos constituintes. Funcionalmente, esses três tipos de construções se correlacionam com os atos de fala de declaração, inquérito e solicitação.

A autora discute as propriedades formais e funcionais de cada uma dessas construções no kukama. Assim, para as orações declarativas os elementos da predicação as categorias de tempo e modo são fundamentais. Na categoria do tempo, Vallejos descreve três clíticos que indicam o tempo passado: i) *=ui* ‘passado imediato’, ii) *=ikuá* ‘passado médio/recente’, iii) *=turi* ‘passado remoto; enquanto que, para o futuro, reconhece dois clíticos: i) *=utsu* ‘futuro imediato e ii) *=á* ‘futuro remoto’.

No subtópico referente à modalidade epistêmica e suas categorias respectivas, a autora considera duas séries de morfemas. O primeiro conjunto identificado como MOD1 são morfemas clíticos de segunda-posição, eles referenciam os julgamentos epistêmicos do falante, em termos de ‘certeza’ *=tin*, ‘especulação’ *=rai*, ‘reportativo’ *=ía*, ‘incerteza’ *=taka*. O segundo conjunto de morfemas, MOD2, são clíticos relacionados ao sintagma verbal, que, sintaticamente, se podem posicionar à borda direita do sintagma verbal. Três morfemas clíticos são considerados nessa condição: i) *=mia* ‘hipotético’, ii) *=era* ‘apreensivo’, iii) *=tapa* ‘contra-espectativa’.

Nas construções de inquéritos são abordadas as perguntas polares e não polares ou perguntas Qu-. No caso específico da língua kukama, Vallejos assinala que a interrogação polar pode ser expressa a través de: i) uso do clítico *=tipa*; ii) modificação na ordem dos constituintes de uma relação Sujeito-Verbo para Verbo-Sujeito acompanhado de entoação ascendente; iii) recorrendo à prosódia por meio de um tom levemente ascendente e com subida abrupta no final da sentença. As perguntas Qu- são as perguntas de conteúdo que empregam as palavras interrogativas e inquerem pelos argumentos nucleares e pelos não argumentos. Nesta parte, inclui-se também uma breve descrição das interrogativas indiretas, tomando como referência observações levantadas em Faust (1972) e Cabral (1995).

Por fim, no tópico relacionado às orações diretivas, a autora descreve uma série de subtipos, tais como construções imperativas, exortativas, jussivas, apelativas, proibitivas, entre outras. Esse tipo de construções não precisa dos marcadores de tempo e modalidade. A exceção ocorre com as orações negativas e proibitiva, pois estas precisam do morfema *-tin* ‘certeza’ para adicionar nuances que vão da ironia e do sarcasmo aos tipos apelativos; e de ênfase aos tipos proibitivos (Vallejos 2016: 437). Sintaticamente, as construções diretivas na língua kukama podem omitir o sujeito e outros marcadores específicos (op. cit., p. 438).

O capítulo 13 traz a descrição das estratégias que a língua kukama usa para assinalar os eventos em função de argumentos das orações e dos que operam como modificadores dos referentes. Nesse sentido, as cláusulas de complemento funcionam como argumentos da oração matriz, enquanto as orações relativas têm o papel funcional de modificadores de um referente presente na oração principal.

Segundo Vallejos, em kukama, as cláusulas em função de argumentos ocorrem sem marcadores morfológicos, restringindo-se simplesmente à função de objeto. A estrutura desse tipo de construção é representada como: [S v₁ [(S) v₂ (O)]], exemplificada como em (6):

(6) S	V1	V2	O	
[epe	tseta	[wanakari	tana]	amutse]]
2PL	querer	enviar	1PL.FM	longe
‘vocês querem nos enviar longe’			(Vallejos 2016: 457)	

Em construções complexas, as orações relativas atuam como modificadores do referente da oração matriz. A estratégia seguida pela língua kukama para formar relativas é por meio da nominalização e também por meio da estratégia da lacuna ou vazio. Nesse sentido, nessa língua podem ocorrer relativas com núcleo e relativas sem núcleo. A autora assinala que as relações gramaticais a serem relativizadas são O (objeto), S (sujeito intransitivo), A (sujeito transitivo) e OBL (inclui dativo e locativo). À diferença da relativização de S e O, na relativização do argumento externo A, o verbo da construção subordinada precisa receber o sufixo *-tara* como se vê em (7):

(7) wepe	awa	[eyu-n	yunti-tara]	r=umi
DET	pessoa	comer-NMLZR	dar-REL.A	3SG.FM=ver
‘elek vê uma pessoaj quej dá comida’			(Vallejos 2016: 475)	

O capítulo 14 está orientado à análise do encadeamento das orações na língua kukama. Os diversos marcadores que essa língua emprega para o encadeamento de orações são de propósito, tais como: *-mira*, *-tara*, *-tsen*; *-ikua* ‘razão’, *-rikua* ‘causa’, *-ra* ‘condição’; aspecto temporal como *-npu* ‘depois’, este marcador faz referência a um evento acontecido subsequente ao evento da oração matriz’; *-puka* ‘quando’, sufixo que indica co-temporalidade com o evento expresso na oração principal, ele ocorre como último elemento da cláusula adverbial; *-anan* ‘antes’, sufixo que assinala anterioridade cronológica entre eventos; *katika* ‘até’, este é um morfema que pode ocorrer livre ou cliticizado à palavra precedente e faz referência a qual evento principal se realizou em

certo período temporal anterior ao evento indicado na oração dependente; *-tsuika* ‘desde’, usado em construções para indicar que o evento da oração matriz teve lugar depois de certo período de tempo indicado pelo evento da oração dependente. Dentre os marcadores de maneira ocorrem dois sufixos: *-wa* e *-ari*, eles fazem referência tanto às construções adverbiais orientadas ao participante quanto àquelas orientadas aos eventos. Em ambos os casos, esse tipo de construções diz respeito ao participante da oração principal (Vallejos 2016: 525-531).

No capítulo seguinte, “*Co-ranking constructions*”, Vallejos centra-se na apresentação das construções sintáticas coordenadas. A autora mostra que a coordenação de orações em kukama pode ser feita recorrendo à justaposição ou por meio de formas que atuam como conjunções. Algumas dessas conjunções operam tanto no nível da sentença quanto no nível do discurso. A coesão nas orações coordenadas por justaposição é indicada por meio da prosódia, não há marcador algum que indique a relação entre elas.

Funcionalmente, as construções coordenadas expressam eventos interpretados semanticamente como causa, contraste, justificativa, sequencia temporal, entre outros. Uma característica desse tipo de orações coordenadas em kukama é a supressão opcional de um dos correferentes, sobretudo do argumento sujeito. Este processo poder ser representado mediante o esquema: $[[s_1 \vee (o)] [\emptyset_1 \vee (o)]]$.

Em construções conjuntivas ocorrem morfemas conjuntivos cujo escopo abrange tanto o nível da oração quanto o nível discursivo. Os marcadores conjuntivos são partículas que ocorrem condicionados pelo traço *generolecto*, concretizado em termos da diferença ‘Fala Masculina’ versus ‘Fala Feminina’.

À continuação, no capítulo 16, a autora dedica-se a discutir alguns tópicos relacionados à estrutura da informação. São abordados quatro mecanismos morfossintáticos, a saber: i) formas pronominais, ii) os marcadores de tempo/aspecto nas orações, iii) ordem dos constituintes e iv) construções de foco.

Na primeira seção desse capítulo, Vallejos dá uma visão panorâmica de vários tópicos em torno da estrutura da informação, ressaltando as diferenças da estrutura da informação versus a pragmática conversacional, bem como da asseveração versus a pressuposição, do tratamento do foco como conceito pragmático, os elementos relacionados à prosódia, entre eles o acento de foco, o acento lexical e os contornos de entoação. Logo depois, a autora centra sua discussão sobre as diversas nuances funcionais do clítico *=pura* ‘marcador de foco’, cuja ocorrência é motivada pragmaticamente, mas sua distribuição é descrita em termos estritamente gramaticais. Este marcador se manifesta nos nomes, nos verbos, nos pronomes, em palavras interrogativas *Qu-*, e mesmo nas partículas.

No tratamento das formas pronominais, tanto na gramática quanto no discurso, a autora esclarece que se pode considerar dois parâmetros vinculados à distribuição dos pronominais: i) em determinadas construções, somente pronomes específicos são aceitos, ii) em construções em que qualquer forma pronominal é gramatical, a informação pragmática do referente se correlaciona como a escolha da forma pronominal. Por exemplo, na gramática da língua kukama, as formas pronominais livres e curtas, além dos clíticos pronominais, assumem a função de possuidores e objetos de posposições, fato que não se aplica em se tratando das formas pronominais longas.

Na pragmática dos padrões da ordem dos constituintes, a autora mostra que em kukama ocorrem diversas ordens de posicionamento do sujeito, objeto e verbo. Contudo

sua distribuição no discurso é bastante distorcida. A estrutura de foco não marcada resulta em sv(o), nesse caso, o argumento externo s é o tópico, o que mostra que é comum que ele se manifeste recorrendo aos pronomes.

Pragmaticamente, a ordem dos constituintes é essencial, a posição inicial é considerada a privilegiada. Quando ocorre a ordem osv, ela está condicionada por fatores pragmáticos ou em casos em que o falante precisa evidenciar uma informação pragmaticamente saliente (Vallejos 2016: 599). Por outro lado, na fala espontânea, a ocorrência de orações com marcação progressiva com os padrões vs e sov são pouco frequentes.

Um último aspecto abordado no capítulo 16, diz respeito à função das orações marcadas para Tempo/Aspecto no discurso. Aqui, a autora trata de responder a duas questões principais sobre a temática: i) com que frequência os falantes kukama empregam orações marcadas com as categorias de tempo e aspecto progressivo, e orações não marcadas? e ii) o que impulsiona a distribuição de orações marcadas com a categoria tempo e cláusulas marcadas com o aspecto progressivo?

Em relação a primeira questão, a autora conclui que a distribuição das orações marcadas pela categoria de tempo, aspecto e as não marcadas por nenhuma dessas categorias é assimétrica. Estatisticamente, as orações com a categoria tempo representaram apenas 12% das ocorrências das unidades do banco de dados e as orações marcadas pela categoria aspecto são somente 3% das unidades. Uma esmagadora maioria de 86% das unidades correspondeu às orações não marcadas para o tempo e o aspecto progressivo. Sobre a segunda questão, o estudo de Vallejos mostra a existência de uma forte associação entre construções progressivas e de suporte da informação. As orações com ocorrências de aspecto progressivo assinalam frequentemente informações avaliativas. As informações de primeiro plano geralmente são sinalizadas pelas orações não marcadas. As ocorrências das orações marcadas com a categoria tempo são atribuídas ao momento chave do enredo como forma de reafirmar o quadro temporal, ou, ao contrário, para manipular o ponto dêitico-temporal.

Por fim, o capítulo 17, que fecha esta obra, inclui as conclusões finais sobre a gramática kukama e sua variedade o kukamíria. A autora soma à descrição e análise dos dados abordados nos 16 capítulos precedentes, uma tabela com os traços do Proto-Tupí que ainda são encontrados na gramática sincrônica do kukama. Incluem-se também dois apêndices, um com a lista dos falantes consultores e outro com a mostra de quatro textos bastante extensos. Cada um desses textos está apresentado com entradas na língua originária, acompanhadas de suas glosas morfológicas, além de suas correspondentes traduções para o Inglês e para o Espanhol.

Em suma, este livro sobre a gramática da língua kukama e de sua variedade o kukamíria da autoria de Rosa Vallejos, publicado na série edições da *"Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas"*, é um aporte sumamente valioso tanto para os estudos das línguas indígenas faladas nessa parte do subcontinente americano, quanto para o avanço da tipologia linguística em geral e das línguas indígenas.

Esta obra é também uma das melhores contribuições no estudo da língua kukama, que, indubitavelmente, servirá como ponto de partida para o esclarecimento de sua integração ou não ao conjunto de línguas da família tupí-guaraní. O livro representa, ainda, uma excelente contribuição à metodologia de pesquisa envolvendo o estudo das línguas sem tradição de escrita, em que teoria linguística, documentação, descrição e análise das

línguas e pesquisa de campo caminham juntos. O amplo leque de exemplos extraído de um banco de dados de 36 textos narrativos, conversas e textos processuais, entre outros, além da participação de falantes kukama de 16 comunidades, das quais 21 pessoas eram do sexo feminino e 22 do sexo masculino, validam, ainda mais, esta publicação.

Referências

- Cabral, Ana Suelly Arruda C.; Rodrigues, Aryon Dall'Igna (2003). Evidências de crioulação abrupta em Kokáma? *PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 13(1): 180-186.
- Cabral, Ana Suelly Arruda C. (1995). *Contact-induced change in the Western Amazon: The non-genetic origin of the Kokama language* (Ph.D. dissertation). University of Pittsburg.
- Espinosa, Lucas (1935). *Los tupí del oriente peruano: Estudio lingüístico y etnográfico* (Sección de Antropología y Lingüística). Madrid: Imprenta de Librería y Casa Editorial Hernando (S.A.).
- Espinosa Lucas (1989). *Breve diccionario analítico-castellano-tupí del Perú* (Sección Cocama). Iquitos: Ediciones C.E.T.A.
- Faust, Norma (1972). *Gramática Cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama* (Serie Lingüística Peruana 6). Lima: ILV, MEC.
- Lathrap, Donald W. (1970). *The Upper Amazon* (Ancient peoples & places). Thames & Hudson Ltd.
- Michael, Lev (2014). On the pre-Columbian origin of Proto-Omagua-Kokama. *Journal of Language Contact* 7: 309-344.
- Rodrigues, Aryon D. (1984/1985). Relações internas na família linguística tupí-guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.
- Rose, Françoise (2013). Los generolectos del Mojeño. *LIAMES – Línguas Indígenas Americanas* 13: 115-134. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1534/1524>
doi: 10.20396/liames.v0i13.1534
- Seki, Lucy (2000). Gramática do Kamaiurá. *Língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP.: Editora UNICAMP, Imprensa Oficial.
- Schultze-Berndt, Eva; Himmelmann, Nikolaus P. (2004). Depictive secondary predicate in crosslinguistic perspective. *Linguistic Typology* 8: 59-131.
- Stock Anthony Wayne (1981). *Los nativos invisibles. Notas sobre la historia y realidad actual de los cocamilla del río Huallaga, Perú* (Serie Antropológica 4). Lima: Centro Amazónico de Antropológica y Aplicación Práctica (CAAAP).
- Vallejos Yopán, Rosa (2010). *A grammar of Kukama-Kukamiria* (Ph.D. dissertation). University of Oregon.

Recebido: 13/5/2018

Versão corrigida: 24/5/2018

Aceito: 28/5/2018.